

TRAJETÓRIA ESCOLAR DOS ALUNOS DA ETEC CÔNEGO JOSÉ BENTO: IDENTIDADES E SINGULARIDADES DA PRIMEIRA TURMA DE ALUNOS NO COTIDIANO ESCOLAR DO ENSINO TÉCNICO E PROFISSIONALIZANTE, EM JACAREÍ (1937 – 1940)

Julia Naomi Kanazawa

Escola Técnica Estadual José Cônego Bento do Centro Paula Souza

Julia@etecjbento.com.br

Em meio às leis que propiciaram a criação da Escola ou estabeleceram as diretrizes para o seu funcionamento, alunos, juntamente com funcionários e professores se constituíram e constituem em importantes protagonistas que sustentaram e sustentam a existência de uma instituição escolar. São pessoas singulares, de carne e osso, que têm uma história e que atribuíram e atribuem à vida escolar, múltiplos e importantes sentidos. Conhecer os alunos e perceber que eles não são uma categoria homogênea e abstrata se constitui não apenas numa necessidade, mas quase um dever dos educadores para realizar um trabalho adequado com eles. Dessa forma, para conhecer melhor os alunos que estudaram em outro momento histórico da nossa Escola e contribuir para a construção da memória e história da ETEC Cônego José Bento, este trabalho, tem como proposta investigar e estudar a primeira turma de alunos da escola, traçando o seu perfil: de onde vieram, quantos anos tinham quando ingressaram na Escola, como eram selecionados, quantos eram, eram freqüentes, que disciplinas estudavam, quais foram os resultados no desempenho escolar, entre outros. O corte temporal do presente estudo se delimita às décadas de 1930 a 1940, pois representa o período em que a primeira turma de alunos iniciou as atividades escolares em 27 de setembro de 1937, encerrando-as em 1940. Por outro lado essa delimitação permite acompanhar a trajetória escolar dos estudantes individualmente, já que eram 54 alunos matriculados. A pesquisa, de natureza histórica, foi realizada por meio da coleta, tabulação (tabelas e gráficos) e análise dos dados a partir da investigação nos livros de matrícula, de chamada, de notas (existentes no Centro de Memória da ETEC Cônego José Bento), de prontuários (existentes no arquivo da Secretaria Acadêmica), do relatório escolar (existente no Arquivo Histórico e Público de Jacareí) e fontes imagéticas. Também foram levantados e sistematizados estudos relacionados à cultura e ao cotidiano escolar, bem como os relacionados ao método histórico, proposto pela Escola dos *Annales*. O que é ser aluno? O conceito de aluno aqui adotado levou em consideração mais do que a denominação para o destinatário final de um sistema educativo. É também uma categorização carregada de significados sociais e culturais que ultrapassa em muito aquilo que habitualmente designa. Pela sua singularidade e importância no processo de educação escolar, cada aluno foi biografado. Por meio da trajetória de cada um deles, foi possível recontar um pouco da história, além da oficial. A biografia, enquanto gênero foi retomada pela historiografia, principalmente pelos historiadores franceses, integrantes da chamada Nova História. A historiografia brasileira também tem retomado esse gênero. Em ambos é marcante o interesse pela recuperação de trajetórias singulares. Com o presente estudo foi possível traçar o perfil da primeira turma de alunos da ETEC Cônego José Bento: de onde vieram, quantos anos tinham quando ingressaram na Escola, onde moravam, qual era a nacionalidade dos pais, qual era a situação familiar, quantos eram, que disciplinas estudavam, quantos desistiram ao longo do curso, entre outros aspectos. Grande parte dos alunos (5%) nasceu em Jacareí, lugar onde a Escola também funciona. Outros nasceram nos vários municípios localizados no estado de São

Paulo; em outro estado – Minas Gerais, ou ainda, em outro país – Japão. Dezesseis alunos eram órfãos de pais, seis eram órfãos de mãe e cinco eram órfãos de pai e mãe. Os alunos, geralmente órfãos, eram admitidos no regime de internato, conforme previa o artigo 6º do decreto nº 7.319. Os 54 alunos matricularam-se no curso agrícola que formava operários, mestres de cultura, capatazes ou administradores agrícolas. Os alunos que cursavam a iniciação agrícola e a mestria agrícola, com duração total de quatro anos, poderiam obter o equivalente ao curso ginásial. O certificado de mestre agrícola permitia aos alunos o direito de prosseguirem o curso de técnico agrícola em qualquer escola do Estado de São Paulo ou federal, respeitando a legislação vigente da lei federal do ensino agrícola, do Ministério da Agricultura, equivalente ao curso científico. Os alunos estudavam no período diurno. Trabalhavam no campo das 7h as 10h. Das 10h as 12h, descansavam. Das 12h às 15h, algumas vezes, até as 16h, tinham aulas teóricas. Das 15h as 17h eram distribuídos pelas oficinas de carpintaria, ferraria, alvenaria, selaria, piscicultura, apicultura e aviário. Conforme o livro de notas de 1938, as aulas teóricas englobavam as disciplinas de Português, Geografia, História, Desenho, Aritmética, Higiene, Agricultura Geral, Ciências Zootecnia e Veterinária. Os alunos eram avaliados com notas, em escalas de 0 a 100. Ao longo da trajetória escolar, observou-se uma particularidade, a eliminação de um número muito grande de alunos. Dos 54 matriculados inicialmente, 34 desistiram. Apenas 20 concluíram o curso. Que motivos levaram esses estudantes a desistir do curso? É um dos questionamentos que se coloca no presente. Foi a necessidade de trabalhar para ajudar a família? O curso não correspondeu às expectativas dos alunos? As exigências do curso eram muitas?

Palavras-chave: Alunos. Cultura escolar. Cotidiano escolar. Fontes escolares. Trajetória.